

A CONSTRUÇÃO DE UM TRABALHO DE VÍDEOARTE EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL E LOCKDOWN – “O GAY CONTEMPORÂNEO” EM RELATO

Autor: Fernando Hisatoni Pericin

*Mestrando do Curso de Artes Visuais, da linha de Poéticas Transversais,
da Universidade de Brasília – UnB, fernandopericin@gmail.com;*

Orientadora: Denise Conceição Ferraz de Camargo

*Professora orientadora: Doutora Denise Conceição Ferraz de Camargo,
Instituto de Artes Visuais - UnB, denise.cfcamargo@gmail.com.*

Resumo

Este é o relato da experiência teórico-prática sobre a elaboração de um trabalho artístico com temática *queer* cujo título é “O Gay Contemporâneo”, realizado na cidade de Brasília/DF, em tempos de isolamento social e sob decreto de *lockdown* por conta da pandemia do coronavírus. À luz do estudo do texto “O que é o contemporâneo?” de Giorgio Agamben, o autor narra o processo de criação de um trabalho imagético, realizado após o anoitecer e antes do início do toque de recolher, na esplanada dos ministérios e próximo à praça dos três poderes, lugares em que são tomadas decisões sobre os corpos *queer* nacionais. O resultado desta ação é o estudo de uma performance solitária registrada em fotografias e reagrupadas em um vídeo com imagens, recortes, colagens e frases que trazem a referência visual e teórica que o autor selecionou para a elaboração do vídeo final.

Palavras-chave: Arte contemporânea, contemporâneo, fotografia, gay, *queer*.

Introdução

Sobrevivemos aos anos de 2016, 2017, 2018, 2019 e 2020. Estamos em 2021. Ano passado fomos atingidos pela pandemia da COVID-19. Até o momento da escrita deste texto somamos mais de 400 mil mortos pelo vírus no Brasil. Somos contemporâneos: eu, você leitor(a) e a doença.

No ano em que a COVID modificou o modo como nos relacionamos com o espaço e com as outras pessoas, iniciei uma pesquisa sobre a relação do homem gay com o armário, mais especificamente acerca dos dilemas sobre a decisão de permanecer dentro ou de sair dele de acordo com estudos sobre o texto da pensadora Eve K. Sedgwick (2007) “Epistemologia do Armário”. Este estudo faz parte do pré-projeto apresentado para a seleção da pós-graduação do PPGAV-UnB para o qual fui aprovado em 2020. A proposta inicial consistia em encontrar pessoas e entrevistá-las, colher relatos de experiências, visitá-las, compreendê-las e fotografá-las. O momento deste início de pesquisa foi marcado pelo inesperado isolamento social por conta de uma pandemia mundial. A alternativa foi olhar para dentro “dos meus armários”, enquanto homem gay, e tentar entender melhor sobre motivos que me levaram a escolher o tema. Refleti sobre as vezes que o meu planejamento de saída do armário falhou, ou porque não tive a oportunidade que esperava, ou porque faltou coragem ou ainda porque achei que não era o momento. Pensei também nas circunstâncias em que fui tirado do armário – momentos de tensão e desconforto ou, inclusive, violência. Refleti sobre as situações em que não houve uma saída do armário de fato, mas em que a ação tenha ficado implícita, pelo menos sob a minha perspectiva. Este assunto passou a me interessar com a ascensão da direita (ultra)conservadora ao poder, desde o ano de 2016, atingindo um marco em 2018. Até então, sob o meu ponto de vista, vivíamos em uma sociedade que parecia estar mais alinhada com discursos igualitários, principalmente em questões de gênero e raça, mas vimos surgir de maneira muito rápida e violenta uma reação contra esse cenário de maior tolerância com o crescimento do número de falas (ultra)conservadoras, violentas e, muitas vezes, mentirosas.

Eu fui indiretamente atingido de diversas maneiras, com episódios de censura nas artes, por exemplo, e com o aumento de notícias

de declarações preconceituosas proferidas por autoridades. Desde à censura à exposição *queer* museu espaço do Santander Cultural em Porto Alegre no ano de 2017 (MENDONÇA, 2020), passando pelas falácias sobre o “kit gay” e a “mamadeira de piroca” (BARRAGÁN, 2018) e a notícia falsa tão disseminada sobre a chamada ideologia de gênero. Desde o período das eleições presidenciais do ano de 2018 até hoje, com diversos exemplos de ações e discursos homofóbicos por parte dos governantes do país e seus ministros, secretários, conselheiros e gurus não tivemos mais sossego.

Pela primeira vez, eu, homem gay, cis gênero, não-preto, classe média, a partir do golpe de 2016 (RUFATO, 2016), comecei a sentir mais medo de morrer ou de apanhar na rua. Descrevo as tantas classificações que possuo porque elas mostram que ocupo uma posição de privilégios e que até então, por onde passei, apesar de ter que decidir sair ou não do armário ou de ser retirado de lá, que são situações de tensão e estresse, eu nunca havia sentido tanto medo. Este sentimento recorrente me fez questionar o que poderia ser feito – resolvi estudar as relações entre ser homossexual, estar no armário e sentir a tensão e o medo da violência em ronda permanente. Dentro ou fora do armário, estamos em constante estado de alerta, porém, estar do lado de fora nos coloca imediatamente em posição de maior exposição e vulnerabilidade, portanto, numa posição de mais tensão e mais medo.

Em meio aos estudos e às leituras da literatura relacionada com o meu projeto de pesquisa intitulado até o momento “De dentro para fora: reflexões e notas acerca das consequências das decisões de permanecer dentro ou de sair do armário. Poéticas do dilema.” deparei-me com o texto de Giorgio Agamben (2009) intitulado “O que é o contemporâneo?” que me despertou diversos questionamentos sobre o meu lugar enquanto pesquisador e homem gay de uma linha de mestrado em poéticas transversais: de que/quem sou contemporâneo? Quais as atitudes que devo ter enquanto um ser contemporâneo que é artista e carrega nos estudos e no trabalho artístico a temática das diversas violências físicas e psicológicas contra o homem homossexual?

Segundo Agamben (2009, p.65) “Pode dizer-se contemporâneo apenas quem não se deixa cegar pelas luzes do século e consegue entrever nessas a parte da sombra, a sua íntima obscuridade.” E continua em outro trecho: “Reconhecer nas trevas do presente a luz que, sem nunca poder nos alcançar, está perenemente em viagem até nós.”

Li, refleti e continuo refletindo, afinal de contas, trata-se de estudo em andamento e trabalho em construção.

Sinto-me vivendo imerso na escuridão de um pesadelo contemporâneo e o assunto escolhido para minha pesquisa está envolto nas trevas que rodeiam o nosso presente. Porém, ainda assim, nós, os homens homossexuais sobreviventes, encontramos uma luz que nunca se apaga, uma esperança de um grupo que não se cala, enfrenta o medo e coloca a discussão em pauta em textos, em livros, em eventos, em redes sociais, em um trabalho incansável, contínuo, recorrente e duradouro como as luzes que estão em constante viagem e não conseguem nos alcançar. Penso que ainda há esperança.

O sistema dominante sempre aloca nossos corpos *queer* em determinados lugares, mas nós tensionamos, usamos nossos próprios corpos para expandir esses lugares e conquistar novos espaços. O sistema ainda tenta nos enganar e nos fazer pensar que já fomos aceitos como parte do todo, mas não nos deixamos iludir, sabemos que temos muito espaço, respeito e direitos a conquistar. Sempre alertas, continuamos tentando entrever as sombras e as armadilhas da obscuridade ainda que as luzes do presente insistam em nos cegar. Seguimos.

Com o anseio de seguir, com a esperança de falar e de ser ouvido, com a imensa vontade de chorar pelos meus mortos, tanto de COVID, quanto de preconceito (ou mesmo pelo dois e até pelos descasos e omissões de quem toma as decisões sobre os nossos corpos), decidi fazer um protesto pacífico, solitário e silencioso, parte dos meus estudos e do processo no projeto de pesquisa em artes visuais.

A base (ou o suporte) de todo o protesto é meu corpo *queer* que já é resistência pela existência. Recolhi em casa os objetos pessoais que tinha à mão e que representariam neste ato as ações de violências que sofreremos. O lugar escolhido para a ação foi a esplanada dos ministérios em Brasília. Posicionei-me de forma a estar rodeado pelos tantos edifícios onde são tomadas as decisões sobre o lugar e o destino dos corpos *queer* nacionais: principalmente o Ministério da Justiça, o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, o Congresso Nacional, o Palácio do Planalto e o Supremo Tribunal Federal. Este mesmo lugar poderia e deveria estar recebendo protestos contra os descasos e os desmandos do atual governo federal em atitudes claramente racistas e preconceituosas, mas, em momento de isolamento social (e *lockdown*), acolhe apenas alguns movimentos negacionistas (com relação à doença) ou a favor do atual governo.

Registrei a ação com auxílio de um tripé e um disparador automático de câmera fotográfica. Compartilho neste relato parte do meu estudo teórico-prático no campo das artes visuais que faz parte do meu processo de pesquisa.

Metodologia

A pesquisa em arte se dá na prática do fazer. Realizei uma performance solitária, registrando a ação em fotografias e uni os estudos e as imagens em um vídeo pensado para uma breve apresentação. A metodologia utilizada, tanto durante este estudo, quanto durante todo o percurso do mestrado é a pesquisa em arte que, segundo Sandra Rey, (1996, p.82) “delimita o campo do artista-pesquisador que orienta sua pesquisa a partir do processo de instauração de seu trabalho plástico assim como a partir das questões teóricas e poéticas, suscitadas pela sua prática”. Esta metodologia permite total relação entre as teorias e a prática artística.

A partir das leituras propostas acerca da temática principal da pesquisa, anotações foram transpostas para cadernos (ou livros de artista) que foram utilizados como ferramenta-base para conectar o que foi lido ou pesquisado com as ideias, intenções e questões do artista que surgiram durante o processo do ato de fazer, de colocar o que foi pensado em prática.

Resultados e discussão

A construção do vídeo parte do resultado principal da ação que deu origem à Imagem 1 e de trechos de frases do texto de Giorgio Agamben (2009) “O que é o contemporâneo?” A imagem mostra uma figura solitária em protesto noturno na esplanada dos ministérios. A iluminação, realizada com o uso de flash apontado diretamente para a figura, está em total contraste com a escuridão do fundo. Os pequenos pontos de luz que aparecem são parte da iluminação de ruas ou de edificações, em sua maioria, de prédios governamentais. O contraponto entre a luz e a sombra remete ao pensamento de Agamben (2009) que diz que o contemporâneo não se deixa “cegar pelas luzes do presente” e enxerga, através dessas luzes, “as trevas do passado” que estão em constante viagem até nós.

Imagem 1 – Autorretrato. Registro de Performance



Fonte: arquivo do autor, 2021

Diante do clarão de luz, a figura solitária traz consigo um arsenal de símbolos. A máscara em madeira e que tampa o rosto simboliza a apropriação do nome “viado” – xingamento, repleto de variações, que nos é atribuído desde sempre: “viadinho”, criança “viada”, “viadão”, (um ato de) “viadagem”, etc. Esta é a representação de todo tipo de violência psicológica que nos causa tensão e ansiedade, estando dentro ou fora do armário, de acordo com o que as outras pessoas supõem que seja o nosso gênero.

A pose remete à São Sebastião, o “santo gay”, sempre representado com fchas enfiadas na carne e que, nesta fotografia, foram substituídas por pontos vermelhos na roupa. Esta é a representação da violência física que nos provoca medo. Podem ser as balas dos tiros que nos perseguem, as facadas que tomamos ou os objetos que nos atiram e nos ferem cortando a carne dos nossos corpos.

A roupa traz a bandeira do orgulho LGBT, nosso símbolo de tantas lutas principalmente por direitos iguais, carregado principalmente por quem já saiu de vários armários e que está na linha de frente da batalha, exposto e muitas vezes dando a cara a tapas, o corpo a tiros, a sanidade a provas. O leque e as pulseiras representam os tantos objetos que, muitas vezes, ao olhar do outro, nos definem ou nos separam do que é o padrão socialmente aceitável. Por usarmos determinados objetos, determinadas roupas ou nos comportarmos de determinados jeitos, o sistema dominante delimita os espaços em que podemos estar e que podemos ocupar.

Ao fundo estão as trevas. Um breu com poucos pontos de luz que chegam ao pescoço da figura. É a iluminação da esplanada dos ministérios onde trabalham as autoridades tomadoras de decisão sobre os corpos *queer*. Elas legislam sobre onde nossos corpos poderão estar e transitar; quais os nossos direitos; quais os direitos dos nossos companheiros; como e de que maneira nossa vontade de realizar uma possível transição de gênero será permitida; quantos corpos e quais de nós seremos mortos, processados e massacrados em nome da defesa da família tradicional; de que modo seremos humilhados e se haverá pena para quem nos provocou algum mal; quais de nós seremos tratados como doentes e qual será o tratamento para nossa doença - que chamamos de amor.

Imagem 2 – Composição de autorretratos. Registros de Performance



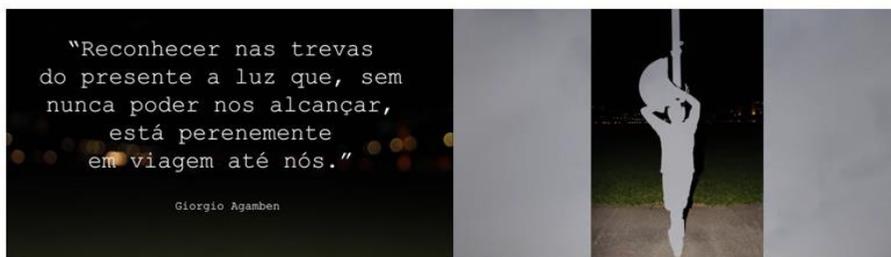
Fonte: arquivo do autor, 2021

A Imagem 2 é uma montagem com as 3 fotografias selecionadas para a elaboração do vídeo final. Elas foram realizadas no mesmo dia e são partes do mesmo estudo, trazendo as mesmas ideias de questionamento sobre o lugar dos corpos *queer*, o contemporâneo, as representações e as noções de claro e escuro e fazem parte dos meus estudos acerca do tema do dilema do armário.

O vídeo final apresenta a Imagem 1, destacada em três partes: o fundo escuro, o primeiro plano mais claro e as marcas vermelhas sobre a roupa, entre os trechos citados do texto de Giorgio Agamben (2009) “O que é o contemporâneo?”. Os fundos utilizados para as citações são imagens noturnas e desfocadas da iluminação da esplanada dos ministérios.

Primeiro “as trevas”, conforme a Imagem 3:

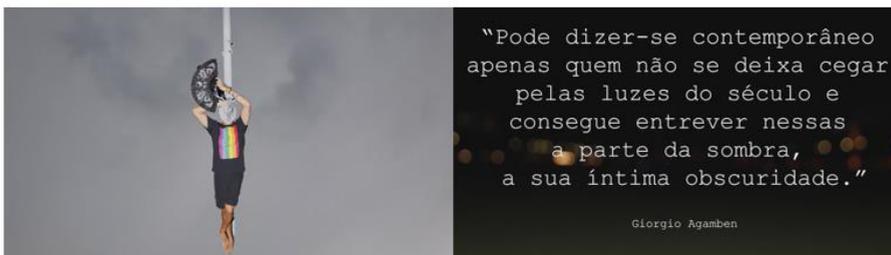
Imagem 3 –Composição com 2 frames do vídeo.



Fonte: arquivo do autor, 2021

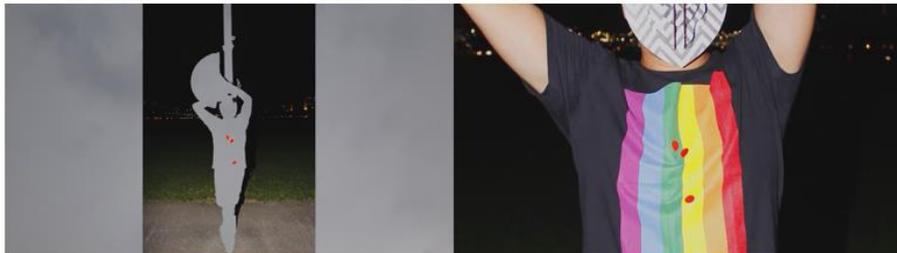
Após, “a luz”, conforme a Imagem 4:

Imagem 4 –Composição com 2 frames do vídeo.



Fonte: arquivo do autor, 2021

Por fim, as marcas vermelhas aparecem em destaque e a fotografia completa (Imagem 1) composta integralmente em movimento



Fonte: arquivo do autor, 2021

Considerações finais

Este trabalho descreve o pensamento por trás das imagens fotográficas utilizadas para a elaboração de um vídeo, parte de uma pesquisa de mestrado ainda em estágio inicial e que utiliza a imagem do corpo em um lugar de tensão. Este relato tem o objetivo de compartilhar parte de um estudo sobre as questões apresentadas: o que é o contemporâneo para os nossos corpos *queer*? Quais as questões que estão nos cegando no presente e quais os problemas das trevas que nos alcançam? Quais as dimensões políticas que estão encarnadas em nossos corpos? O estudo apresentado é parte de uma série de propostas artísticas que venho pesquisando e que têm sido transformadoras tanto na minha pesquisa quanto na minha vida.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? e outros ensaios. Tradução de Vinicius Nicastro Honesco. Chapecó-SC: Argos, 2009.

BARRAGÁN, Almudena. Cinco 'fake news' que beneficiaram a candidatura de Bolsonaro. El País. Madri. 19/10/2018. Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/18/actualidad/1539847547_146583.html. Acesso em 11 mai. 2021.

MENDONÇA, Heloísa. Queermuseu: O dia em que a intolerância pegou uma exposição para Cristo. El País. Madri. 13/9/2017. Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/11/politica/1505164425_555164.html. Acesso em 20 abr. 2020.

REY, Sandra. Da prática à teoria: três instâncias metodológicas sobre a pesquisa em Poéticas Visuais. In: Porto Arte, Porto Alegre, v.7, n.13, 1996.

RUFFATO, Luiz. O golpe contra Dilma Rousseff. El País. Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2016/08/31/opinion/1472650538_750062.html Acesso em: 01 jul. 2020.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. Cad. Pagu [online]. 2007, n.28, pp.19-54. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332007000100003>.